

# INVESTIGANDO A SELEÇÃO ESTATÍSTICA DE VARIÁVEIS SOCIAIS: UMA ANÁLISE DO USO VARIÁVEL DO PRESENTE DO MODO SUBJUNTIVO EM AMOSTRAS DE FALA DE FLORIANÓPOLIS/SC E LAGES/SC

Tatiana Schwochow Pimpão<sup>1</sup>

## RESUMO

Com o objetivo de investigar a correlação entre as variáveis sociais *escolaridade* e *sexo* e o uso variável do presente do modo subjuntivo em amostras de fala de Florianópolis/SC e de Lages/SC, estendemos a discussão para a interpretação de cruzamentos dessas duas variáveis associadas à variável linguística *projeção temporal*. A metodologia aplicada à investigação dos dados permitiu ressignificar a importância das variáveis sociais em análise.

**Palavras-chave:** idade; escolaridade; variação.

## ABSTRACT

In order to investigate the correlation between social variables *education* and *gender* and the variable use of subjunctive present in spoken data in Florianópolis/SC and Lages/SC, we extend the discussion to the crossing of these two variables associated to the linguistic variable *temporal projection*. The methodology applied to the research allowed to reframe the importance of social variables under analysis.

**Keywords:** age; education; variation.

## INTRODUÇÃO

Pesquisas acerca da variação entre o modo subjuntivo e o modo indicativo têm se avolumado nos últimos anos, especialmente após a virada do século: Costa (1990), Rocha (1997), Pimpão (1999), Alves Neta (2000), Santos (2005), Meira (2006), Carvalho (2007), Fagundes (2007), Oliveira (2007), Alves (2009), Almeida (2010), Barbosa (2011), Pimpão (2012) e Santos (2014). Além de dissertações e teses, outros trabalhos têm sido publicados, como os de Carvalho (2009; 2011) sobre o uso variável do subjuntivo em dados de diferentes localidades do Ceará. Muitos desses estudos resultam, à parte o interesse dos pesquisadores, da constituição de bancos de dados mais recentes, tais como o Iboruna (noroeste do estado de São Paulo), o PORTVIX (Vitória/ES) e o Projeto SP2010 (São Paulo/SP). Em todos esses estudos,

---

<sup>1</sup> FURG – Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (ILA/FURG). Atua nos cursos de Letras e na Especialização em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa. Contato: tatianapimpao@furg.br.

variáveis sociais são controladas, dentre as quais o foco deste artigo centra-se na *escolaridade* e no *sexo*.

Na literatura sociolinguística, costuma-se associar o uso da variante de prestígio às mulheres, e ainda tem-se demonstrado que as mulheres tendem a impulsionar o uso de variantes inovadoras não estigmatizadas pela comunidade, tendências que deveriam estar correlacionadas a questões de gênero. (LABOV, 2001; PAIVA, 2012[1992]; FREITAG, 2015). Com relação à escolaridade, de forma geral, a hipótese, nos estudos sociolinguísticos, é de que a variante padrão acompanha o grau de instrução formal ainda que outros fatores, como a relação entre o conteúdo linguístico e a atuação da escola devam ser considerados (VOTRE, 2012[1992]). Outras questões como tipo de escola, classe socioeconômica podem contribuir com a discussão dessa variável. (FREITAG, 2011; MOLLICA, 2012).

Assumindo a variação como inerente à língua, investigamos o uso variável do presente do modo subjuntivo em dados de fala de informantes das cidades de Florianópolis e de Lages e sua correlação com a atuação das variáveis sociais *escolaridade* e *sexo*. Pretendemos (i) aprofundar a discussão acerca da seleção das variáveis *escolaridade* e *sexo* (PIMPÃO, 2012) e (ii) empreender um debate, não recente, acerca da importância do rigor metodológico na análise e interpretação de resultados estatísticos. O presente artigo está organizado da seguinte forma: apresentamos, inicialmente, o fenômeno investigado, seguido pela revisão da literatura acerca das variáveis sociais e pela apresentação dos procedimentos metodológicos, passando, então, para a análise e discussão dos resultados e finalizando com as considerações finais.

## O FENÔMENO INVESTIGADO

Diversas pesquisas sociolinguísticas têm abordado o uso variável do modo subjuntivo, especialmente a partir da virada do século XX: (i) na Região Sul: Costa (1990), na Vila Rural de Santo Antônio/Ijuí/RS; Pimpão (1999), em Florianópolis/SC; Fagundes (2007), em Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco (cidades do Paraná); e Pimpão (2012), em Florianópolis/SC e em Lages/SC; (ii) na Região Sudeste: Alves Neta (2000), em Januária/MG; Santos (2005), no Rio de Janeiro/RJ e na região de São José do Rio Preto/SP; Almeida (2010), no Rio de Janeiro/RJ; e Barbosa (2011), em Vitória/ES; (iii) na Região Nordeste: Carvalho (2007), na região do Cariri/CE; Oliveira (2007), em João Pessoa/PB; e Meira (2009), em comunidades afro-descendentes da

Bahia. Outras três pesquisas conjugam dados de duas regiões: Rocha (1997), no Rio de Janeiro/RJ e em Brasília; Alves (2009), em Muriaé/MG e Feira de Santana/BA; e Santos (2014), em São Paulo/SP e São Luís/MA.

O objeto de análise varia nesses estudos, concentrando-se no uso variável do presente e do imperfeito do subjuntivo; do presente, passado e futuro do subjuntivo; ou ainda, como é o caso deste trabalho, apenas do presente. A investigação do uso variável do presente do subjuntivo e do presente do indicativo estende-se a cinco contextos linguísticos: orações subordinadas substantivas, orações subordinadas adverbiais, orações subordinadas adjetivas, orações com o item *talvez* e orações parentéticas, conforme podemos observar nos dados a seguir, respectivamente:

(1) Ah, [só espero]- só **espero que** o Brasil não **PERCA** hoje. Por causa do tempo, também, está mudando. (FLP 19, L129)<sup>2</sup>

(2) A minha de onze anos, eu tenho bem mais confiança de deixar a minha com ela, pra mim fazer as minhas vendas, do que com ela. **Não é porque** eu não **CONHEÇO**, porque eu conheço, eu sei que ela é de família boa e tudo, é conhecida. Mas eu já acho a minha bem mais responsável do que ela, sabe? (LGS 02, L1272)

(3) E um horário que em casa a gente [não]- não tem nada pra fazer, nem televisão, que televisão não se tira nada **que PRESTA**. (FLP 14, L299)

(4) [E procuro]- não sei se meus alunos, talvez um dia eles vão pensar: "Não, quando eu estava lá em tal série." **Talvez** um dia **ENTRE** na cabeça dele. Mas se não entrar, paciência. Eu pelo menos tentei, né? e eu acho que isso que importa. (LGS 18, L1351)

(5) Aqui o nosso, aqui em Lages, pelo menos eu [não]- não vejo coisa assim, sabe? Que eu acho que é bem bom, [nós]- o nosso aqui. O nosso aqui não tem problemas seriíssimos assim, **que SAIBA** não, né? Que eu saiba não sei. (LGS 01, L993)

Resultados de estudos no âmbito sintático têm acusado alguma sensibilidade de determinados fenômenos linguísticos a variáveis de ordem social. Nas pesquisas anteriormente enumeradas, em quatro não houve seleção estatística (SANTOS, 2005; MEIRA, 2006; FAGUNDES, 2007; OLIVEIRA, 2007) e dados de um

---

2 O código entre parênteses indica, respectivamente, a cidade de Florianópolis (FLP) ou Lages (LGS), o número da entrevista, seguido do número da linha em que se encontra o dado. Informações mais detalhadas acerca das amostras estão na seção referente aos *Procedimentos metodológicos*.

estudo não receberam tratamento estatístico com cálculo de probabilidade (COSTA, 1990). Nas demais, não se observa a mesma sistematicidade em termos de confluência de resultados que se encontra na comparação de resultados para variáveis linguísticas (PIMPÃO, 2012; 2015).

### **VARIAVEIS SOCIAIS: ESCOLARIDADE E SEXO**

Labov (2007) persegue o empirismo, voltando-se diretamente ao uso, à língua usada na comunicação diária. Para ele, a língua é o objeto de investigação (LABOV, 1972, 2007): a língua variável, afetada por variáveis sociais e/ou linguísticas. Seus primeiros estudos, conduzidos no âmbito fonológico, já procuram mostrar o encaixe social do sistema linguístico, que, contrariando a concepção estruturalista de variação livre, apresenta variação condicionada (LABOV, 1972). Assim, mediante análise dos dados, é possível inferir generalizações e explicitar a sistematicidade da variação e mudança linguísticas.

Dentre as variáveis sociais constitutivas de diferentes bancos de dados sociolinguísticos no Brasil, este artigo enfoca a *escolaridade* e o *sexo*. Na literatura sociolinguística, a hipótese para a variável *escolaridade* prevê o uso da variante padrão tende a acompanhar o grau de instrução formal (VOTRE, 2012[1992]). Com relação à variável *sexo*, a hipótese prevê que as mulheres sejam as mais conservadoras, preferindo as variantes padrão e, não sendo a variante inovadora estigmatizada, também é esperado que as mulheres estejam à frente dos homens no processo de variação (PAIVA, 2012[1992]). Nesse sentido, é esperado que o presente do subjuntivo se mostre mais atuante na fala de informantes com mais escolaridade e na fala das mulheres.

Pimpão (1999), pesquisando o uso variável do presente do modo subjuntivo na fala de Florianópolis, defende a hipótese de que essa forma variante seria mais atuante nos níveis escolares mais elevados. Essa correlação é bastante relativizada na pesquisa pancrônica conduzida com dados de fala e de escrita de Florianópolis e Lages:

essa perspectiva não se aplica ao uso variável de presente do subjuntivo e presente do indicativo, a menos que se considerem especificamente os contextos de orações subordinadas e os enunciados com o *talvez* listados pelas

gramáticas tradicionais para o emprego obrigatório do subjuntivo (PIMPÃO, 2012, p. 211).

Sobre esse assunto, gostaríamos de destacar três pontos: (i) a proximidade de resultados entre os níveis primário e ginásial; (ii) a relação entre o presente do subjuntivo e a atuação da escola; e (iii) a discrepância nos resultados para a variável escolaridade em diferentes amostras do português brasileiro.

Com relação ao primeiro ponto, diferentes estudos sociolinguísticos que utilizam banco VARSUL têm apresentado, como parte da metodologia, o amálgama de resultados para o nível ginásial, seja com resultados para o primário, seja com resultados para o colegial. Em termos de período escolar, o ginásial se aproxima do atual segundo ciclo do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano. Na prática, havia uma diferença: para que o aluno ingressasse no ginásio, era exigida a realização de uma prova de admissão<sup>3</sup>. Como veremos adiante, não houve diferença significativa entre os resultados para o primário e ginásial, i.e., entrevistados com até 4 anos ou até 8 anos de escolarização não apresentam diferença em termos percentuais no uso do presente do subjuntivo. A escola parece, portanto, não atuar na manutenção da variante padrão, o subjuntivo. Voltaremos a esse ponto na análise dos dados, pois, conforme Guy (2001), a análise da frequência geral de um fenômeno é uma das etapas de comparação entre diferentes estudos, sendo necessário, muitas vezes, o cruzamento de variáveis.

Sobre o segundo ponto, Votre (2012[1992]) propõe algumas distinções relevantes na consideração da escolaridade. Defende a importância de atentar para a diferença entre os conteúdos que constituem foco das aulas de língua portuguesa daqueles que não são alvo das regras gramaticais, bem como dos conteúdos que sofrem estigma daqueles que são de avaliação neutra. No que diz respeito ao subjuntivo, não se pode afirmar, de forma categórica, que o uso do indicativo em contextos previstos para o emprego do subjuntivo sejam estigmatizados. Nos compêndios gramaticais, o subjuntivo está previsto e em determinados ambientes

---

<sup>3</sup> É necessário, ainda, um cuidado na análise dos dados com relação à variável *escolaridade* no que se refere ao fator ginásial. A prova de admissão no curso ginásial foi instituída em 1931, estendendo-se até 1971. Como o processo de gravação das entrevistas do banco-base do Projeto VARSUL datam da década de 1990, é esperado que alguns informantes entre 25 e 50 anos e acima de 50 anos não tenham prestado esse exame de admissão. Nesse sentido, há uma quebra de ortogonalidade, portanto os resultados devem levar em consideração esse aspecto.

sintáticos, como após verbos de volição (*desejar, esperar, querer*), porém seu uso não é exigido após verbos de cognição (*acreditar, crer, imaginar*).

No que se refere ao terceiro ponto, estudos têm revelado um comportamento diferenciado para a variável *escolaridade*, provavelmente porque outras variáveis podem estar atuando conjuntamente. Em algumas pesquisas, resultados indicam que o uso do subjuntivo acompanha, não necessariamente com índices significativos, o nível de escolaridade (PIMPÃO, 1999<sup>4</sup>; ALVES NETA, 2000; ALVES, 2009<sup>5</sup>; PIMPÃO, 2012). Em outras, os informantes sem escolaridade usam mais o subjuntivo (MEIRA, 2006; CARVALHO, 2007). Outros resultados ainda apontam os informantes com grau de escolaridade intermediário (ROCHA, 1997; SANTOS, 2005; BARBOSA, 2011) e os informantes com elevado grau de escolaridade como aqueles que menos usam o modo subjuntivo (ALVES, 2009<sup>6</sup>). E ainda há pesquisas cujos resultados mostram-se aproximados entre todos os graus de escolaridade (FAGUNDES, 2007). Alguns fatores podem interferir nessa diferença de resultados, como a constituição do banco de dados e o perfil dos informantes. Além disso, é preciso atentar para a faixa etária correspondente aos informantes mais jovens e mais velhos, que pode variar de acordo com a estratificação social dos informantes em diferentes bancos de dados (PIMPÃO, 2011). Além disso, a escolaridade pode ser “apenas a ponta do *iceberg* dos fatores não estratificados (como poder aquisitivo, rede de relações sociais, engajamento social etc.) e seus resultados devem ser avaliados com uma lente multifocal” (FREITAG, 2011, p. 55). O pesquisador deve, necessariamente, considerar especificidades metodológicas, seja na comparação de resultados de diferentes estudos (PIMPÃO; GÖRSKI, 2010), seja na comparação de resultados de um mesmo estudo, como se configura a proposta desta pesquisa.

Para a variável *sexo* também há resultados diversos a depender da pesquisa. Atestam a hipótese de que as mulheres preservam o modo subjuntivo as pesquisas desenvolvidas por Costa (1990), Meira (2006) e Alves (2009)<sup>7</sup>; as

---

4 Resultado para as orações com *talvez*.

5 Resultado para as orações completivas em Muriaé e para as orações adjetivas em Feira de Santana.

6 Resultado para orações adjetivas em Muriaé.

7 Na pesquisa de Meira (2006), as mulheres usam mais o modo subjuntivo em contexto de orações substantivas e, no estudo desenvolvido por Alves (2009), em contexto de orações relativas de Feira de Santana.

conduzidas por Pimpão (1999), Meira (2006), Alves (2009)<sup>8</sup> e Pimpão (2012) apresentam evidências de que os homens usam mais o modo subjuntivo em contextos linguísticos específicos. Em outras pesquisas, não há diferença significativa entre o comportamento linguístico de homens e mulheres (ROCHA, 1997; SANTOS, 2005; CARVALHO, 2007; FAGUNDES, 2007; ALMEIDA, 2010).

Estudos recentes têm discutido o controle da variável *sexo* nas pesquisas sociolinguísticas de modo a reforçarem a necessidade de uma discussão de gênero. A variável *sexo* não deveria ser controlada apenas de forma isolada, mas correlacionada a outras variáveis, como classe social, e/ou acompanhada de um debate acerca do papel social atribuído à mulher em determinado grupo social. (PAIVA, 2012[1992]; FREITAG, 2015)

De acordo com Mollica (2012, p. 29), diferentes indicadores sociais podem ser correlacionados às variáveis em análise: “origem social, renda, acesso a bens materiais e culturais são alguns deles, assim como tipo de ocupação, grau de inserção em redes sociais e outros”.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia laboviana para constituição de bancos de dados assume a prerrogativa da aleatoriedade da seleção dos entrevistados, de modo que qualquer indivíduo possa ter a chance de ser escolhido (LABOV, 2001). Devem ser obedecidos, por outro lado, critérios do perfil do entrevistado. No Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil<sup>9</sup>), banco de onde provêm os dados analisados neste artigo, o informante está estratificado de acordo com sexo, duas faixas etárias (25-50 anos e acima de 50 anos) e três níveis de escolaridade (primário, ginásial e colegial). O projeto VARSUL tem por objetivo geral a descrição do português falado em áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil.

O banco reúne amostras de fala representativas dos três estados da Região Sul, armazenando 24 entrevistas para quatro cidades de cada estado,

---

8 A variável *sexo* foi selecionada na rodada referente às orações adjetivas (MEIRA, 2006), às orações substantivas (PIMPÃO, 1999c) e às orações completivas e relativas de Muriaé (ALVES, 2009).

9 Informações mais detalhadas acerca do Banco VARSUL podem ser acessadas no site [www.varsul.org.br](http://www.varsul.org.br).

totalizando 288, todas disponíveis nas sedes do VARSUL, nas capitais Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. Ao banco-base de Florianópolis, foram acrescentadas novas entrevistas com informantes de uma nova faixa etária (15 a 24 anos) e de um novo nível de escolaridade (universitário). Para a realização do presente estudo, foram consultadas 24 entrevistas com informantes de Florianópolis e 24 com informantes de Lages.

Interessam-nos os resultados encontrados para as variáveis *escolaridade* e *sexo* por duas razões. Primeiramente, essas variáveis obtiveram relevância estatística: *escolaridade* foi selecionada na quarta posição, tanto nas rodadas com dados de Florianópolis quanto Lages; *sexo* foi selecionado apenas em Florianópolis, e na quinta posição. Em segundo, a discussão de resultados relativos às variáveis precisa ser ampliada de modo a tentar desvendar o que subjaz a esses resultados (MENON, LOREGIAN-PENKAL, FAGUNDES, 2013).

Em Florianópolis, são analisadas 250 ocorrências de uso variável do presente do subjuntivo e, em Lages, 228. Considerando as 48 entrevistas, o total de ocorrências por cidade não é expressivo, alcançando, em média, 10 dados por entrevista. É importante, no entanto, destacar que (i) foi eleito apenas um tempo verbal dentre os três que compõem o modo subjuntivo (presente, passado e futuro); e (ii) o presente do subjuntivo ocorre em determinadas situações, especialmente na segunda parte da entrevista sociolinguística, em que questões sobre melhorias no bairro, perspectivas de ações do governo são apresentadas ao informante e opinião acerca de fatos presentes lhe é solicitada.

#### VARIÁVEIS SOCIAIS EM FLORIANÓPOLIS E EM LAGES

Na sequência, os resultados para a variável social *escolaridade* são apresentados e discutidos.

ESCOLARIDADE	FLORIANÓPOLIS			LAGES		
	Freq./Total	%	P.R.	Freq./Total	%	P.R.
Colegial	57/91	62	0,59	55/78	70	0,70
Primário/Ginásial	79/159	49	0,44	87/150	58	0,38
<b>TOTAL</b>	<b>136/250</b>	<b>54</b>	<b>-</b>	<b>142/228</b>	<b>62</b>	<b>-</b>

Tabela 1: Atuação da variável *escolaridade* sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* nas amostras de fala de Florianópolis/SC e de Lages/SC (Fonte: PIMPÃO, 2012, p. 244)

De acordo com a tabela, o maior grau de escolaridade, o colegial, favorece o uso do presente do subjuntivo em Florianópolis (0,59) e em Lages (0,70). Os resultados para os níveis primário e ginásial, tomados em conjunto, condicionam o uso do indicativo<sup>10</sup>. Esses resultados também atestam, parcialmente, a validade da hipótese clássica: o uso do presente do subjuntivo não acompanha os graus de escolaridade, porém o colegial desponta como um importante contexto de retenção do presente do subjuntivo.

Vejamos, agora, os resultados para o uso variável do presente do subjuntivo de acordo com o sexo em nos dados de Florianópolis e Lages.

SEXO	FLORIANÓPOLIS			LAGES		
	Freq./Total	%	P.R.	Freq./Total	%	P.R.
Masculino	78/129	60	0,56	77/125	61	0,52
Feminino	58/121	47	0,42	65/103	63	0,46
<b>TOTAL</b>	<b>136/250</b>	<b>54</b>	<b>-</b>	<b>142/228</b>	<b>62</b>	<b>-</b>

Tabela 2: Atuação da variável *sexo* sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* nas amostras de fala de Florianópolis/SC e de Lages/SC (Fonte: PIMPÃO, 2012, p. 244)

Os resultados obtidos para Florianópolis apontam o presente do subjuntivo sendo mais usado pelos homens, o que contraria a hipótese clássica dos estudos sociolinguísticos, segundo a qual as mulheres tendem a preservar a variante padrão. Diferentemente, em Lages, praticamente não há distinção entre homens e mulheres quanto ao uso do presente do subjuntivo.

Como síntese dos resultados obtidos até o momento, temos o seguinte panorama: (i) o colegial favorece o presente do subjuntivo, sinalizando a força da escola na preservação da variante padrão; (ii) ausência de distinção entre os níveis de escolaridade primário e ginásial, indicando, por outro lado, uma frágil atuação da escola; (iii) os homens preferem a variante padrão, contrariando a hipótese clássica nos estudos sociolinguísticos. Duas questões emergem desses três pontos: A escola teria uma atuação dúbia, ora favorecendo, ora inibindo o uso da variante padrão? Os homens, de fato, favorecem a variante padrão ou pode haver alguma sobreposição de variável?

<sup>10</sup> O percentual para primário e ginásial em Florianópolis é de, respectivamente, 49% e 50%; em Lages, de, respectivamente, 57% e 58%.

Na tentativa de esclarecer essas questões, decidimos pelo cruzamento de cada uma dessas variáveis com a variável linguística que se mostrou mais relevante na pesquisa, a *projeção temporal* (PIMPÃO, 2012). Dados como (1) e (4), apresentados na seção 1, ilustram projeção futura, em que a situação codificada na oração do dado está projetada para o futuro, contexto favorecedor do uso do presente do subjuntivo. Dados como (2), (3) e (5) ilustram uma projeção espriada, em que a situação codificada na oração do dado percorre um eixo temporal mais alargado, compreendendo passado, presente e futuro, contexto inibidor do presente do subjuntivo e, portanto, condicionador do presente do indicativo. O objetivo está em compreender melhor a relação entre os fatores sociais e o uso do subjuntivo. Na sequência, apresentamos resultados para o cruzamento da *projeção temporal* com a *escolaridade*, e, após, da *projeção temporal* com o *sexo*.

SCOLARI DADE	fut.	FLORIANÓPOLIS			LAGES			Proj.
		Proj.	espr.	Proj.	fut.	espr.	Proj.	
ROJEÇÃ O TEMPOR AL	req./		req./		req./		req./	
	otal		otal		otal		otal	
olegial	0/26	7	7/65	7	2/14	6	3/64	7
rimário/ Ginasial	9/41	1	0/118	2	6/40	0	1/110	6
<b>OTAL</b>	<b>9/67</b>	<b>3</b>	<b>7/183</b>	<b>8</b>	<b>8/54</b>	<b>9</b>	<b>4/174</b>	<b>4</b>

Tabela 3: Cruzamento das variáveis *escolaridade* e *projeção temporal* em relação ao uso do *presente do modo subjuntivo* nas amostras de fala de Florianópolis/SC e de Lages/SC

Os resultados para Florianópolis apresentados na tabela 3 indicam que a escola parece reforçar os contextos de uso do subjuntivo, tanto no colegial quando no primário/ginásial. Os dados de projeção temporal futura correspondem, de forma geral, aos casos de verbos deônticos (*querer, desejar, esperar*) e de orações finais, que constituem ambientes preferenciais de uso do presente do subjuntivo. Verbos epistêmicos (*imaginar, pensar*), orações concessivas e o item *talvez* geralmente ilustram casos de projeção espriada, em que o presente do subjuntivo não é exigido, mesmo por alguns gramáticos tradicionais. Nesse sentido, conforme a

tabela 3, os índices de 77% e de 71% sinalizam a importância da escola na preservação do subjuntivo nos ambientes em que é esperado, diferentemente do que ocorre nos ambientes em que não é exigido: 57% e 42%. Com base nos percentuais para o contexto de projeção futura nos dados de Lages, observamos que a escola marca mais presença, mesmo no contexto de projeção espaiada no nível colegial (67%).

A seguir, resultados para o cruzamento da variável *projeção temporal* e *sexo*.

SEXO	FLORIANÓPOLIS				LAGES			
	Proj. fut.		Proj. espr.		Proj. fut.		Proj. espr.	
PROJEÇÃO TEMPORAL	Freq./	%	Freq./	%	Freq./	%	Freq./	%
Total								
Masculino	31/37	84	47/92	51	34/37	92	43/88	49
Feminino	18/30	60	40/91	44	14/17	82	51/86	59
<b>TOTAL</b>	<b>49/67</b>	<b>73</b>	<b>87/183</b>	<b>48</b>	<b>48/54</b>	<b>89</b>	<b>94/174</b>	<b>54</b>

Tabela 4: Cruzamento das variáveis *sexo* e *projeção temporal* em relação ao uso do *presente do modo subjuntivo* nas amostras de Florianópolis/SC e de Lages/SC

Os resultados para Florianópolis indicam que as mulheres usam menos o presente do subjuntivo, mesmo no contexto de projeção futura (60%), que condiciona essa forma variante. Como no contexto de projeção espaiada o subjuntivo não é exigido, os resultados para o sexo feminino correspondem à expectativa de que as mulheres tendem a usar a variante não-padrão se não houver estigma (44%). Por outro lado, os resultados da tabela 4 reforçam os exibidos na tabela 2 no que diz respeito ao uso mais acentuado da variante padrão pelos homens mesmo nos casos em que não é exigida.

Quanto aos resultados para Lages, observamos que os homens usam mais subjuntivo em contexto de projeção futura (92%), porém as mulheres igualmente atingem um percentual bastante elevado (82%), próximo ao percentual do sexo masculino em Florianópolis (84%). No caso da projeção espaiada, as mulheres usam mais subjuntivo do que os homens, resultado inverso alcançado em Florianópolis. De forma geral, os homens preferem o uso do presente do subjuntivo em contexto de projeção futura em ambas as amostras; em contexto de projeção espaiada, as mulheres de Lages atingem um percentual mais elevado em comparação às mulheres de Florianópolis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resultados iniciais para a correlação entre as variáveis sociais e o uso variável do presente do subjuntivo apontaram tendências contrárias às hipóteses clássicas: o uso do subjuntivo não acompanha os níveis de escolaridade ainda que o colegial apresente um percentual mais elevado para essa forma variante; e o presente do subjuntivo mostra-se mais expressivo na fala de homens. Uma análise mais detalhada, no entanto, contemplando o cruzamento de variáveis, permitiu uma maior compreensão do fenômeno investigado.

Diferentemente dos resultados isolados, a *escolaridade* mostrou-se atuante na preservação do presente do subjuntivo nos contextos de projeção futura e, de certa forma, indiferente nos contextos de projeção espraiada, ambiente de entrada do presente do indicativo. Faz-se necessário, portanto, associar os resultados da variável *escolaridade* aos conteúdos que são alvo do ensino em sala de aula.

Com relação à variável *sexo*, mesmo com o cruzamento de variáveis, os homens apresentaram índices mais elevados para o uso do presente do subjuntivo. Quanto ao sexo feminino, há uma diferença: as mulheres em Lages ultrapassam o percentual alcançado pelas mulheres em Florianópolis, tanto para os resultados com projeção futura quanto para projeção espraiada. A discussão desses resultados poderia ser complementada com uma interpretação em termos de gênero: na comunidade lageana, qual era representação da mulher antes do período de constituição do banco, que ocorreu na década de 1990? E em Florianópolis? Seriam as mulheres florianopolitanas mais ousadas e as mulheres lageanas mais conservadoras?

## REFERENCIAS

ALMEIDA, Erica Sousa de. **Varição de uso do subjuntivo em estruturas subordinadas**: do século XIII ao XX. 2010. 294f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

ALVES NETA, Ana. **O uso de formas do indicativo por formas do subjuntivo no português brasileiro**. 2000. 114f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

ALVES, Rosana Ferreira. **A expressão de modalidades típicas do subjuntivo em duas sincronias do português: século XVI e contemporaneidade.** 2009. 197f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

BARBOSA, Astrid Franco. **Alternância de formas indicativas e subjuntivas na fala de Vitória (ES).** 2011. 146f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

CARVALHO, Hebe Macedo de. **A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri.** 2007. 158f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CARVALHO, Hebe Macedo de. Alternância dos modos verbais em entrevistas sociolinguísticas: tipo de verbo, tempo e modalidade. In: **Revista Interdisciplinar.** Ano VI, Vol. 14, Jul./Dez., 2011, p. 65-75.

CARVALHO, Hebe Macedo de. A restrição do tempo verbal na alternância indicativo/subjuntivo. In: **Revista Interdisciplinar.** Ano IV, Vol. 9, Ago./Dez., 2009, p. 79-89.

COSTA, Iara Bemquerer. **O verbo na fala de camponeses: um estudo de variação.** 1990. 223f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

FAGUNDES, Edson Domingos. **As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo.** 2007. 220f. Tese (Doutorado em Letras) – Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

FREITAG, Raquel Meister Ko. O “social” da Sociolinguística: o controle de fatores sociais. In: **Revista Diadorim.** V. 08, Rio de Janeiro, 2011, p. 43-58.

FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re)Discutindo sexo/gênero na Sociolinguística. In: **Estudos de gênero na Sociolinguística brasileira.** São Paulo: Blucher, 2015, p. 17-74.

GUY, Gregory. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. **Abralin**, 2001.

LABOV, William. **Principles of linguistic change.** Volume II: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem.** v. 5, n. 9, ago. 2007.

MEIRA, Vivian. **O uso do modo subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro**. 2006. 317f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

MENON, Odete Pereira da Silva; LOREGIAN-PENKAL, Loremi; FAGUNDES, Edson Domingos. O que é que se faz com os resultados do VARBRUL? In: **Letrônica**. Vol. 6, n. 1, Jan./Jun., 2013, p. 319-337.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística variacionista: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 27-31.

OLIVEIRA, Maria do Carmo de. **O uso do modo verbal em estruturas de complementação no português do Brasil**. 2007. 155f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística variacionista: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2012[1992]. p. 33-42.

PAREDES DA SILVA, Vera Lúcia. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística variacionista: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2012[1992]. p. 67-71.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. A ‘escolaridade’ e o emprego variável do modo subjuntivo no Português Brasileiro. In: **Anais da ALFAL**. Alcalá de Henares, 2011.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. Mapeamento do uso variável do modo subjuntivo no português do Brasil. In: **Working Papers em Linguística**. 16(1), jan./jul, Florianópolis, 2015. p. 120-141.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. **Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática**. 1999. 129f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. **Uso do presente do modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX**. 350f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow; GÖRSKI, Edair Maria. Interpretação qualitativa de resultados quantitativos: uma análise do processo metodológico na comparação de diferentes pesquisas. **Working Papers em Linguística**. Florianópolis, n. 1, p. 71-81. 2010.

ROCHA, Rosa Cecília. **A alternância indicativo/subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em português**. 1997. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) –

Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

SANTOS, Regina Marques Alves dos. **O uso variável do modo subjuntivo em estruturas complexas**. 2005. 170f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

SANTOS, Wendel Silva dos. **A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís**. 2014. 141f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, 2014.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística variacionista: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2012[1992]. p. 51-58.

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO:

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. Investigando a seleção estatística de variáveis sociais: uma análise do uso variável do presente do modo subjuntivo em amostras de fala de Florianópolis/SC e Lages/SC. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**. São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 187-202, 2016.

Recebido: 31.01.2016

Aprovado : 25.04.2016

